

**F**ora do consultório, sem contar com o quadro estruturado e reasssegurador em que costuma trabalhar, no que se transforma o analista? Continua a sê-lo, ou circunstâncias novas impõem outro tipo de atuação, em que já não poderia se considerar psicanalista?

Responder a estas perguntas implica reavaliar o que pode a psicanálise. Se acreditamos que ela só existe no e pelo setting clássico, a conclusão é simples: uma vez ausentes o divã, a poltrona e as portas fechadas, não há psicanálise. O ex-analista se converte em cidadão, em professor, em escritor, ou no que melhor convier à tarefa no momento. Os artigos reunidos neste número de **PERCURSO** - cujo núcleo temático focaliza certas questões que se colocam para o psicanalista quando este se defronta com situações estranhas à prática tradicional - sugerem que esta resposta, mais do que superficial, é estereotipada e tendenciosa.

O desafio consiste justamente em encontrar meios para compreender psicanaliticamente situações e processos inéditos, e, se possível, intervir neles de forma psicanalítica. Ou seja: antes de mais nada, compreender quais são as demandas implícitas dos participantes, sem excluir as do próprio psicanalista, e procurar trabalhá-las.

Exige-se assim uma escuta flexível, e que pode - é o que mostram estes textos - ser favorecida exatamente pelo impacto do *diferente*. Seja este diferente o não-analista, o homem de outra etnia ou de outra classe social, o que é atendido numa instituição pública ou privada, trata-se de construir uma situação de escuta, de definir parâmetros para um trabalho que possa ser psicanalítico, ainda que sem o apoio das

condições usuais. De onde a inferência provocadora: também sob as condições usuais, o que define como psicanalítico um trabalho? Se não pelo setting em si, que outras condições têm que ser construídas ou reconstruídas para que o inconsciente se faça ouvir? Que instrumentos possuímos para pensar as instituições, estatais ou de outras ordens?

Estas são indagações que nos concernem diretamente, posto que o Departamento de Psicanálise também é uma instituição e existe no seio de uma instituição. A convivência prática e a reflexão conceitual sobre tais problemas nos parecem fecundas para o desenvolvimento da psicanálise, que sempre soube revigorar-se no contato com o que, mesmo não sendo estritamente clínico, não pode ser deixado de lado, sob o risco de empobrecer e esclerosar a própria clínica.

Quer se debrucem sobre experiências em que estão ou estiveram envolvidos membros do Departamento, quer interroguem a experiência religiosa, a experiência da, teorização ou a experiência do choque de mentalidades e de referenciais é a refletir sobre a alteridade do outro, ao contato com sua força propulsora, que nos convidam os trabalhos aqui reunidos.

No instante em que a sociedade, mobilizada como raras vezes na história do nosso país, infunde força e dignidade às instituições políticas, no instante em que percebe que estas - e muitas outras instituições - não lhe são exteriores, porém consubstanciais, cabe aos psicanalistas mirarem-se nela, e procurarem explorar mais a fundo o que só na aparência se situa além do seu jardim.